

Herdeiros

Dirce Eleonora Nigro Solis²

Resumo

Trata-se aqui de um resgate da desconstrução e do pensamento de Jacques Derrida a partir de questões já desenvolvidas pela autora em outros textos e artigos ao longo de suas pesquisas. Herdeiros são todos aqueles que, de alguma forma, se dedicaram ao pensamento do franco-argelino e que puderam se debruçar sobre questões por ele levantadas ao longo de sua trajetória como pensador e filósofo da desconstrução. Herdeiros são também aqueles que, inspirados em Derrida, disseminaram e deslocaram ideias para contextos específicos envolvendo questões sobre pensamentos originários anteriores ao pensamento traduzido como ocidental, aos pensamentos não ocidentais, nem ocidentalizados, às questões de gênero, e outras. Para dar conta da imensidão dessa herança, mas sabendo de antemão da im-possibilidade da tarefa, houve uma escolha nesse artigo de referenciar três aspectos que consideramos fundamentais para a compreensão do texto derridiano: a concepção de aforismo no sentido do desvio, pouco trabalhada por muitos de nós herdeiros, mas segundo a perspectiva desse texto, fundamental para a compreensão da desconstrução; a noção de retoricidade que culminou em alguns momentos na afirmação que a desconstrução é retórica; e a criação por Derrida do por vir (*à venir*), exemplificado no artigo através da noção de democracia por vir.

Palavras-chave: desconstrução; aforismo; retórica; democracia por vir.

Abstract

This article is about recovering the deconstruction and thought of Jacques Derrida based on questions already developed by the author in other texts and articles throughout her research. Heirs are all those who, in some way, dedicated themselves to the thought of the French-Algerian and who were able to focus on questions raised by him throughout his trajectory as a thinker and philosopher of deconstruction. Heirs are also those who, inspired by Derrida, disseminated and displaced ideas to specific contexts involving questions about original thoughts prior to the thought translated as Western, non-Western or Westernized thoughts, gender issues, etc. In order to account for the immensity of this legacy, but knowing in advance the impossibility of the task, there was a choice in this article to reference three aspects that we consider fundamental for the understanding of Derrida's text: the conception of aphorism in the sense of deviation, little worked on by many of us heirs, but according to the perspective of this text, fundamental for the understanding of deconstruction; the notion of rhetoric that culminated at times in the statement that deconstruction is rhetoric; and Derrida's creation of "to come" (*à venir*), exemplified in the article through the notion of democracy to come.

Keywords: deconstruction; aphorism; rhetoric; democracy to come.

Se pudéssemos falar em “começo” ou em que momento a desconstrução teve início como problema para a filosofia no Brasil (em outras áreas, tais como a linguística, a arquitetura, as artes, ela é mais antiga), ao invés de nos prendermos ao tempo - mas já se vão uns 30 anos em que ela acontece nos currículos de filosofia do Brasil -, gostaríamos de iniciar com uma frase de Geoffrey Bennington, marcada talvez como o primeiro aforismo da desconstrução: “A desconstrução não é o que se pensa.” (BENNINGTON, 1989, p. 84). A partir daí, passamos muito tempo justificando que “se o que se pensa é um conteúdo, presente à mente, no “espaço

² Professora Titular de Filosofia da UERJ e Coordenadora do LLPEFIL.

de presença da mente (Locke)” (BENNINGTON, 1989, p. 84), desconstrução, repetimos, não é o que se pensa. No entanto, mesmo com a resistência de Jacques Derrida em assumir o termo desconstrução, o que se pensa já poderia ser compreendido como desconstrução. Difícil foi e ainda é, justificar que a fala, os referenciais, os argumentos pensados e expressos, se considerarmos o viés desconstrutor, não são mais aqueles da chamada metafísica da presença, que as textualidades não são dadas sempre, como costumamos falar, em linha reta, e que elas não são os significantes do logocentrismo (privilégio do logos), ou os traços (*traits*) impressos como *gramma*, algo escrito ou desenhado, como voz ou falo.

Difícil pensar a partir da inversão de pares ou de elementos binários, e explicitar o pensamento e o texto a partir de deslocamentos ou desvios. Alguns dos que podemos nomear “aforismos” são interessantes de evocar e deixar aqui grafados, para quem não conhece a estratégia da desconstrução, como apresenta Bennington (1989, p. 84): [...] “Não há diferença essencial entre a linguagem e o mundo, um como sujeito e outro como objeto. Há rastros.” (2.3); “[...] se desejar, pense em desconstrução como extensão do paradigma do mundo. Não fará diferença, desde que não se considere o mundo lá fora contra isto.” (2.3.1).

Esses “aforismos” entendemos como uma boa provocação aos questionamentos logocêntricos a que eram submetidos a desconstrução e seu autor Jacques Derrida. E a provocação derridiana e dos derridianos aos adoradores do logos era contínua. Convém lembrar o texto de Derrida publicado, como o anteriormente citado sobre Bennington, em *Deconstruction Omnibus Volume* (1989): “Cinquenta e dois aforismos para um prefácio”.³ O prefácio em questão é sobre a arquitetura.⁴ Na fala de Derrida: “Espera-se do aforismo pronunciar a verdade. Ele profetiza, às vezes vaticina, profere aquilo que será, detém-no antecipadamente de forma monumental certamente, mas anarquitetônica: dissociada e assistêmica.” (Aforismo 2). Observamos aqui uma clara perturbação da compreensão do aforismo quando este é visto sob a perspectiva binária.

E mais adiante Derrida vaticina: “Um texto que é apresentado como o simulacro de um prefácio, uma série descontínua, um arquipélago de aforismos. Esta seria uma composição intolerável neste lugar, um monstro tanto arquitetônico quanto retórico. Demonstre-o, depois leia isto... Talvez se vá começar a duvidar dele.” (Aforismo 7).

A provocação foi dirigida basicamente ao saber arquitetura; no entanto, a relação desse saber com os demais que defendem o privilégio do logos é bastante relevante. A arquitetura, de

³ O mesmo texto em francês foi publicado em *Psyché: Invention de l'autre*, II. Paris, Galilée, 1987-2003, p. 121-129.

⁴ Prefácio a “Mésure pour mesure. Architecture et philosophie”. Cahiers du Centre Georges-Pompidou, 1987.

8

Vitrúvio aos contemporâneos, é compreendida como área da binariedade logocêntrica, difícil seria pensá-la naquele momento pelo desvio. Ela possui a mesma dificuldade que a filosofia e todo o pensamento logocêntrico. A provocação vale para todas as áreas do saber e mesmo as científicas. A desconstrução visa a fazer pensar por aforismos. Não é preciso, então, demonstrar. Nietzsche já havia ensinado o caminho.

Derrida, pensando a partir de Nietzsche, deixa um legado importante para a filosofia acostumada ao logos que pode oferecer a demonstração e a prova clássicas; pois, para dar crédito filosófico, há que se passar por essa “construção”. No entanto, a desconstrução, que não é o contrário da construção, e nem tampouco é destruição, propõe uma estratégia que abdica de um caminho nesse sentido, e assumindo o deslocamento faz persistir o aforismo que, em sua autenticidade: “Basta-se a si mesmo, mundo ou mônada.” (Aforismo 24). E o que a desconstrução quer afirmar como estratégia está expresso no Aforismo 25: “Um aforismo nunca se impõe. Não exclama, não ordena nem promete. Ao contrário, propõe, pontua e diz o que é. Um ponto final que nunca é um ponto de exclamação”. (DERRIDA, 1989, p. 67-69). O pensamento logocêntrico gosta do aforismo como gosta da aporia. São para ele o já dito intransponível, o impasse sem saída. No entanto, no domínio da in-decidibilidade (*indécidabilité*) derridiana, assim como a aporia não é ponto de chegada, mas ponto de partida, o aforismo também deve ser tomado como im-possibilidade para o possível, como ponto de partida para a decisão.

Se o aforismo se mostra de outra forma que o modo como ele se apresenta ao logos - como conhecimento absoluto e que não coloca mais nenhuma questão, nenhuma interrogação, prescritivo e inteiro - e assim ele “permite o triunfo desta filosofia logocêntrica” (Aforismo 44), essa outra forma pressupõe o desvio e então, a partir dessas considerações talvez pudéssemos, enfim, afirmar: para a desconstrução no começo é o aforismo.

Derrida nunca assumiu que a desconstrução fosse um método e nem tampouco que ela serviria de bula de leitura para o pensamento filosófico do desvio. No entanto, é inegável que ela possui procedimentos próprios de abordagem que se constituem em suas estratégias que investigam o solo (ou seria o abismo?) em que se dão as desconstruções no plural, que são acontecimentos que podem aparecer em toda a dimensão cultural ou que podem simplesmente estar na literatura, filosofia, política, nas artes em geral, na arquitetura, na psicanálise, no direito... Em termos de promover sempre a abertura do pensamento, Derrida não trabalha, quando se trata dos deslocamentos, com conceitos, preferindo o *por vir* dos quase-conceitos e que ganharam o estatuto de *operadores da desconstrução*.

Derrida justifica a desconstrução como um *acontecimento* que independe da vontade individual ou dos grupos e que persiste à medida em que o imprevisível e o inesperado aparecem. A desconstrução não promove nunca a exaltação do presente como crise ou conflito, como tragédia ou catástrofe, mas é este presente conflituoso, em crise ou não, sempre “*out of joint*” que aparece como passível de análise crítica e de desconstrução. É neste sentido que a desconstrução é *afirmativa*, pois, o que interessa é o que está estruturalmente e necessariamente *por vir*. Afirmar o *ad-vir*, o *à venir*, eis a tarefa desconstrutora.

Como acontecimento, ainda, a desconstrução não é, ela tem lugar, pensa Derrida:

[...] é um acontecimento que não espera deliberação, consciência ou organização do sujeito, nem mesmo da modernidade. Isto se descontrói (*ça se déconstruit*). O isto (*ça*) não é aqui uma coisa impessoal que alguém oporia a alguma subjetividade egológica. (DERRIDA, 1967, p. 321).

Isso que ocorre (*ce qui arrive*), ocorre em qualquer tempo, em qualquer discurso, em qualquer texto. Desfeitas as hierarquias conceituais, pois a desconstrução procede por des-hierarquizações, afastadas as questões do signo enquanto representação logocêntrica, da verdade e da existência, a estratégia desse acontecimento que é a desconstrução pode, então, operar livremente o jogo das diferenças (a *différance* com *a*).

A partir dessas considerações, dizemos que herdeiros são aqueles cuja prática e experiência de pensamento é, de modo predominante, estratégia desconstrutora, e que podem ser considerados herdeiros enquanto se envolvem de muitos modos nessa tarefa de pensar a partir dos operadores da desconstrução, dentre eles, escritura, *différance*, rastros, hímen, suplementos, espectros, só para nos referirmos a alguns. Herdeiros porque também experimentam a maneira de pensar e trabalhar com pressupostos filosóficos de toda a monta, a partir desses referenciais.

Derrida foi um dos pensadores que trouxe de forma bastante significativa em grande parte de suas obras a questão da herança. Aliás, procuramos sempre ressaltar três noções-problemas trazidas pela desconstrução: repetição, herança e dobra. Ressaltamos, também, o tratamento fenomenológico dado por Derrida ao imbricamento dessas três noções.

A herança podemos exemplificar com alguns desdobramentos encontrados em *Espectros de Marx* (1993), onde Derrida e a partir dele, seus herdeiros, ajudam a pensar o conjunto diferenciado de poderes, a hegemonia político-econômica, a dominação intelectual ou discursiva (DERRIDA, 1994, p. 78) e tantos efeitos espectrais que esses “aparecimentos” possibilitam.

Derrida ainda de modo embrionário, pois faleceu antes do desenvolvimento intenso das redes sociais e, portanto, antes da disseminação de notícias e das *fake news* pelas mídias das redes da internet, já prevê que a “cultura erudita ou acadêmica”, considerando aí historiadores, antropólogos, sociólogos, literatos, filósofos, “especialmente os filósofos do político”, como ele diz, mas também arquitetos, psicanalistas, juristas, e mesmo outros, já estariam de algum modo, como que subordinados à ou cooptados à edição comercial ou midiática em geral (DERRIDA, 1994, p. 77)

No caso do marxismo, como em *Espectros de Marx*, diria Derrida que seria “preciso assumir” sua herança, “assumir a mais “viva”, ou seja, “[...] paradoxalmente, o que nunca se afastou da questão da vida, do espírito ou do espectral, de a-vida-a-morte para além da oposição entre a vida e a morte.” (DERRIDA, 1994, p. 78). Nesse sentido, essa herança específica, mas qualquer outra herança trazida a partir das obras de Derrida, poderiam ser para os herdeiros sempre reafirmadas, porém, transformadas em sua trajetória desviante sempre que necessário.

Para Derrida uma herança, qualquer que seja, “não é jamais dada, é sempre uma tarefa” (DERRIDA, 1994, p. 78) e ele prossegue: “Permanece diante de nós, tão incontestavelmente que, mesmo antes de querê-la ou recusá-la, somos herdeiros. E herdeiros enlutados, como todos os herdeiros.” (DERRIDA, 1994, p. 78).

Somos herdeiros do que nunca tivemos e que, mesmo assim, perdemos, e mais, somos herdeiros da desconstrução como acontecimento. Somos herdeiros de Derrida numa boa medida, mas para isso é preciso delimitar o sentido da herança no pensamento da desconstrução.

Como herdeiros devemos assumir a herança e fazê-la como tarefa, já o disse Derrida. Para a desconstrução isso é completamente diferente do herdar apenas como repetição do mesmo. Sabemos as implicações da indecidibilidade (*indécidabilité*) derridiana, do pensar e experimentar o desvio. No entanto, a repetição faz parte, também, das nossas indagações e posicionamentos. Assumir a herança tal e qual seria reapropriar-se da repetição contida no sentido logocêntrico do pensamento. Para a filosofia desconstrucionista que se sustenta, entretanto, no deslocamento, isso não é possível. Não é o mesmo que advém, mas o outro.

Herdeiros têm autonomia para saber o que fazer com a herança. Ao invés de conservá-la como “dada” ou adquirida, os herdeiros devem respeitá-la como aquisição, mas sem que isso signifique necessariamente preservá-la tal e qual, sem tentar manter apenas o que ela diz textualmente. A posição logocêntrica sempre fez isso com maestria. Mas para a desconstrução, entretanto, como já expressamos anteriormente, é preciso transitar pelo deslocamento, que é diferente das hierarquias e pela não binariedade dos pares.

Herdar no sentido da desconstrução significa que, ao invés de conservar a herança como algo dado imodificável, pode-se experimentá-la como um outro ser. Diz Derrida:

Todas as questões concernentes ao ser ou ao que há em ser (ou em não ser: *or not be*) são questões de herança. Não há nenhuma devoção passadista em lembrá-lo, nenhum sabor tradicionalista. A reação, o reacionário ou o reativo, é o caso, unicamente de interpretações da estrutura de herança (DERRIDA, 1994, p. 78-79).

Interpretações conservadoras, diríamos nós, que ainda sentem o prazer da origem, do primordial, e até nas análises mais conservadoras, o prazer do primeiro com gosto de eterno.

Derrida em sua clareza extrema traz a herança como um in-condicional, com a possibilidade de ultrapassar os limites e as fronteiras do tradicionalismo:

Somos herdeiros, o que não quer dizer que *temos* ou que *recebemos* isto ou aquilo, que tal herança nos enriquece um dia com isto ou aquilo, mas que o *ser* disso que somos *é*, primeiramente, herança, o queiramos, saibamos ou não (DERRIDA, 1994, p. 79).

O ser herdeiro pode funcionar, então, como testemunho. Mas há dois tipos de testemunho: aquele da “evidência incontestável” e aquele que devido a uma percepção interpretativa contesta o que foi dito e visto imediatamente, e possibilita uma nova roupagem ao testemunhar, como por exemplo, verificamos nas *Memórias de Cego* (título dado ao catálogo da exposição de 1991 no Louvre), e que tem dimensões não apenas estéticas, mas também ético-políticas. Memórias acompanhadas de ruínas, ruínas do pensamento e de todas as formas de escritura (no desenho, nas escritas existentes na História).

Lembrando Hölderlin, citado por Heidegger⁵ (DERRIDA, 1994, p. 79, nota 1) “[...] testemunhar seria testemunhar do que *somos* à medida que *herdamos*”, diz Derrida. Assim, “[...] herdamos isso mesmo que nos permite dar testemunho.” (DERRIDA, 1994, p. 79). E é precisamente isso que, segundo Derrida, Hölderlin chama de linguagem, “o mais perigoso dos bens”, dado ao homem, “a fim de que ele testemunhe ter herdado isto que ele é.” (DERRIDA, 1994, p. 79). Além disso, o testemunho deve ser público para ser reconhecido. Não pode ser secreto, ou seja, não pode ter como restrição o segredo.

Uma outra questão que envolve a herança, e aqui estamos no domínio ético-político, é a questão da hegemonia ou do discurso dominante. O acontecimento desconstrução inverte as hierarquizações e é um deslocamento a partir dessa “sobre-importância” aceita com relação aos discursos oficiais ditos hegemônicos, ditados pelos modelos ocidentais, hierárquicos, centralizadores e conservadores. Nesse sentido, poderíamos dizer que tais discursos, mas

⁵ Conforme Derrida, cf. nota 1: em Hölderlin und das Wesen der Dichtung (Gesamtausgabe, Bnd IV, Klostermann, 1981, p. 35.); tr. francesa por Corbin, em Heidegger, *Approche de Hölderlin*, Gallimard, 1973, p. 44-45).

também as práticas determinantes do logocentrismo dessas posições, aparecem, muitas vezes, como significantes desconstruídos no acontecimento que é a desconstrução.

Com relação ao discurso da filosofia logocêntrica, assistimos à antiga querela filosofia versus retórica, e já escrevemos muito sobre isso desde a minha tese de doutorado num capítulo, denominado Retórica e Desconstrução, discutindo o problema desde as origens da filosofia ocidental (os gregos) e a conseqüente e gradativa deposição da *retórica* como paradigma de organização do discurso. Em síntese, até o liberalismo, as revoluções burguesas e a afirmação do capitalismo como modo de produção universal, dizíamos que a retórica parecia estar fadada ao esquecimento ou à memória erudita. Porém, segundo Wellbery (1998, p. 28-29), a retórica retornou. Ou seja, constatamos que o paradigma retórico vai reaparecer revigorado, como modelo teórico e técnico do período moderno. E parece-nos possível afirmar que o retorno moderno da retórica ocorreu determinado pelos desdobramentos do que estava inscrito no mesmo processo que a tornou obsoleta.

A retórica na modernidade vinculou-se a um processo social nascido do liberalismo, mais precisamente de um amplo movimento de estreitamento das conquistas da revolução burguesa que combinou, como nunca antes na história, inovação tecnológica, exploração do trabalho humano, ampliação dos mercados e exclusão social. Enquanto a eliminação da velha retórica deveu-se às inovações trazidas pela modernização, a retórica na modernidade surgiu dos seus recursos de engodo e manipulação. E ressurgiu ainda seguindo o caminho do logocentrismo, como discurso do novo poder de classe mundial, produzido e redefinido pela política da globalização ou, como os franceses costumaram chamar, de mundialização. É notório que, diríamos, há um tipo de retórica específico que acompanha as mídias e redes sociais, e que promove a disseminação torta das *fake news*, a desinformação desenfreada ou mascarada nas redes sociais, e que basta a informação parecer ser certa para ser verdadeira. Conhecemos bem a força disso.

É evidente que as contradições deste poder liberal e mais tarde neoliberal, produzidas como ele, a nível mundial, demandariam outros requisitos retóricos. E a retórica, a partir da modernidade, da mesma forma que a clássica, deveria ser a medida do (novo) homem, mas de um homem desenraizado, livre de referências tradicionais, nacionais, culturais e linguísticas; despido de vínculos de classe e de trabalho, possivelmente desempregado, ou talvez autônomo, ou flexibilizado enquanto relação de trabalho, ou de classe, desprovido de ideologia ou de partido político.

Como a velha retórica clássica, o novo paradigma retórico é um discurso que coloca em ação as técnicas da sofística, com novos “argumentos”, mas velhos sofismas. Pela

implementação deste novo paradigma retórico, o discurso, que chamaremos de neo-sofista, expulsa o significado e o sentido do plano da elocução discursiva, esvaziando-o de qualquer conteúdo. A retórica nesse novo padrão (e insistimos em não nomear como “nova retórica”) esmera-se em produzir um discurso vazio de sentido, um discurso a-crítico. Ou pelo menos, um discurso servil a uma nova ordem, em que o sentido deva ficar oculto, ou possa ser manipulado pelas técnicas de marketing e midiáticas.

Só que diferentemente dessa espécie de renovação da retórica, ainda sob o domínio do logos, e para não chamar de nova retórica (que já seria uma conceituação por demais congestionada), assumir a perspectiva da retórica na contemporaneidade coloca a fala ou o discurso no patamar do que Wellbery chamou de retoricidade. Mas dependendo de como se desenvolva ou encare a retoricidade, esta pode ser tão logocêntrica quanto a mais antiga:

[...] *o modernismo é uma época, não de retórica, mas de retoricidade*, ou seja, a época de uma retórica generalizada que penetra nos mais profundos níveis da experiência humana. A tradição retórica clássica dilatou o discurso e o fixou numa malha de limitações: ele era um domínio governado por regras, cujos procedimentos próprios eram delimitados pelas instituições que organizavam a interação e a dominação na sociedade europeia tradicional. A retoricidade, em contraste, não está presa a nenhum conjunto específico de instituições. Ela manifesta o caráter sem fundamento do discurso, que se ramifica infinitamente no mundo moderno. [...] A retórica [...] torna-se, em vez disso, algo como a condição de nossa existência. (WELLBERY, 1998, p. 31, grifo do autor).

Quando Derrida assume como pressuposto que a desconstrução é retórica, não devemos, entretanto, incorporar ao seu entendimento as características de falseamento ou sofisticas da retórica. A desconstrução não incorpora, por exemplo, as características burocráticas e políticas de uma nova sofística, nem assume que a retórica distorce intencionalmente a realidade através do discurso. Nesse sentido, podemos lembrar o velho Aristóteles que em sua *Retórica* insiste que não vai falar da retórica como discurso falso (mesmo acreditando nisso como resultado, mas não por esse motivo do falsear), mas vai se preocupar com a retórica como *techné* - um saber incorporado ao sistema de pensamento. Aristóteles, com isso, coloca entre parênteses sua forte coloração afetiva, e dimensiona e analisa os meios de persuasão, dos quais ela dispõe, ao invés de dizer que seu fim é persuadir. (ARISTÓTELES, 1967, 1354b).

A desconstrução denota uma espécie de destituição do privilégio da própria noção de argumentação logocêntrica. Com isto quer convencer, mas utiliza a argumentação, não no sentido de uma lógica demonstrativa com critérios objetivos ou universais. Faz opção pelo que textualmente é capaz de afetar ou seduzir. É dessa forma que a desconstrução se insere no debate filosófico: não se trata de tomar partido em relação a esta ou aquela corrente interna ao paradigma filosófico, mas sim, em relação a todo ele.

Derrida procura se ater ao caráter figurativo da linguagem, mas, Aristóteles já havia estabelecido o mesmo, quando afirmou que o homem não pensa sem imagens. Assim, a relação da retórica com a desconstrução apresenta-se como estratégia afirmativa as mais significativas. Para abranger as questões e preocupações que uma afirmação como “desconstrução é retórica” poderia fazer surgir, a relação da desconstrução com a retórica, lembramos, é ressaltada por Derrida a partir de sua inspiração nietzschiana. Assim, a desconstrução em Derrida, mas não esqueçamos Paul de Man (1989), assume uma feição particularmente nietzschiana, tanto com relação à crítica antimetafísica, como no que se refere aos fenômenos linguísticos, literários e filosóficos, feição esta que demarca uma ambivalência radical que desemboca na aporia. Estas duas características precedentes, bem como aquelas do estilo fragmentário e aforístico, tão caras à Nietzsche.

Na verdade, Nietzsche antecipa a estratégia derridiana da desconstrução como retórica, com sua postura cética com relação ao método ou ao conceito filosófico. Nietzsche irá defender, contra os filósofos tradicionais, que a linguagem é essencialmente ou radicalmente metafórica, o mesmo valendo para a linguagem filosófica. E conforme a desconstrução, a filosofia sempre teve a tendência de omitir sua “origem metafórica”, de Platão ao presente. Nietzsche seria um dos responsáveis em apontar isto que considera uma espécie de “engodo” ou “farsa”. Assim sendo, a linguagem retórica para Nietzsche e para a desconstrução é uma linguagem figurativa, metafórica, que não se limita à persuasão ou à eloquência.

A retórica seria uma forma atraente de desenvolver o pensamento, que mesmo o mais sistemático dos rigores não conseguiria livrar dos efeitos da linguagem metafórica. Desse modo, o pensamento que produz polissemias, sentidos involuntários, metáforas, é também irremediavelmente retórico.

Não é possível, então, mesmo com os mais firmes esforços, escamotear de modo permanente o aspecto figurativo da linguagem também presente no texto filosófico. Muito menos ainda, ocultar a conotação ambivalente que pode se fazer presente na linguagem filosófica, no entender da desconstrução.

Revelando o caráter metafórico e metonímico da linguagem, Nietzsche acaba por colocar para os desconstrucionistas, a noção de retórica no centro do debate. A desconstrução do binômio conceito/metáfora, como regra ordenadora da razão, irá inspirar Derrida, Paul de Man e outros, que como consequência, rejeitarão o conceito tradicional de verdade e enfatizarão o caráter inseparável da linguagem no que se refere à figura e ao tropo.

Com Nietzsche, a retórica poderá assumir força operativa, e se tornar “o nome do desenraizamento do nosso ser” (WELLBERY, 1998, p. 33). Em *A Escritura e a Diferença*,

Derrida autoriza-se de Nietzsche que teria colocado no lugar dos conceitos metafísicos de ser e de verdade, as noções de jogo, interpretação e signo (signo sem verdade presente) (DERRIDA, 1967, p. 412).

Para além do aforismo conotado no desvio da desconstrução, além da retoricidade, a herança derridiana se movimenta por inúmeras outras estratégias desconstrutoras, dentre elas aquelas do dom, da justiça e da lei, da responsabilidade, a questão do estrangeiro, da amizade, as aporias hospitalidade/hostilidade, decidibilidade/indecidibilidade, as relações políticas centro-periferia, o segredo e a promessa, a soberana crueldade, o perdão, o pensamento da alteridade radical, a democracia. São todas reflexões de cunho ético-político no entender de Jacques Derrida, com ênfase especial em seus escritos a partir das décadas de 80 e 90, mas que no entanto, sempre estiveram presentes no desenvolvimento de seu pensamento.

Herdamos o *por vir* (*à venir*) de Derrida. E já nos referimos inúmeras vezes ao contexto de uma democracia *por vir*, de uma justiça *por vir*, desse *por vir* que em geral se coloca como movimento da desconstrução. Nada mais atual que a experiência do *por vir* como incompletude, considerando principalmente nos dias de hoje, por exemplo, a democracia, a justiça, a economia, a cultura que aparecem de modo tão fragilizado, hostilizado mesmo, no mundo e no Brasil.

A discussão ético-política permeia todo o trabalho de Derrida nos últimos anos de sua existência. Questões como o papel da ONU e o novo desenho do quadro político internacional, envolvendo principalmente o eurocentrismo, o *apartheid* na África do Sul, as novas tecnologias e a comunicabilidade (ou incomunicabilidade), o direito das minorias, o feminismo etc. são objeto de referência e indagação por parte deste pensador. Nas obras do que poderíamos chamar sua última fase, Derrida irá se debruçar sobre questões tais como as do estrangeiro e da hospitalidade, do dom e do perdão incondicional, temas de clara conotação ético-política, uma vez que Derrida não utiliza muito usualmente os termos *ética* e *política* que sempre foram arrestados pelo pensamento logocêntrico.

Derrida elege a democracia como o regime mais palatável do mundo contemporâneo, talvez o seu melhor recurso quando se trata de liberdade e direitos dos povos, cidadãos ou não. No entanto, o autor tem plena consciência de que a democracia, incompleta, também é uma tarefa, está sempre por se fazer. Nos dias atuais, com o recrudescimento das práticas anti-democráticas mundiais, nada mais acertado.

Daí o sentido do *por vir* para a desconstrução. Não se está falando de uma temporalidade a alcançar como um futuro próximo ou longínquo, mas de uma experiência que os indivíduos

estão vivendo em suas dimensões particulares e políticas, em sua singularidade e em moldes coletivos na atualidade.

A proposta derridiana de uma *democracia por vir* situaria o viés democrático numa categoria para além de todos os interesses mesquinhos, para além de toda aparente fraternização. Mesmo considerando que as democracias ocidentais existentes possam ser o que de melhor conseguimos construir no presente, Derrida observa que as atuais estruturas democráticas são, na verdade, profundamente antidemocráticas. Estão corrompidas em múltiplos aspectos econômico-políticos, sociais, morais, conhecidos mundialmente.

Para tanto seria necessário, segundo Derrida, um outro sentido de *democracia*, ou melhor, a *democracia por vir* não mais estaria ligada ao conceito clássico de Estado-nação ou de cidadania, mas estaria mais próxima da ideia de uma democracia inclusiva, que considerasse todos os indivíduos, mesmo aqueles abstraídos dos direitos de cidadania, tais como os imigrantes indesejáveis, os clandestinos, os exilados de todos os lugares.

E incluiríamos nesse *por vir* a consideração dos povos originários desprezados, dos descendentes de escravos, dos quilombolas e de toda a multiplicidade de declinações LGBTQ+. A esse respeito poderíamos ainda afirmar: sem dúvida, o pensamento de Derrida, a partir não apenas do *por vir*, mas da possibilidade de não fechamento das textualidades, pode ser traduzido como abertura à coragem de muitos de seus herdeiros (porque lutar contra o conservadorismo às vezes é muito difícil) de repensar a realidade a partir de um pensamento inclusivo não logocêntrico.

Referências

ARISTÓTELES. *Obras*. Tradução do grego por Francisco P. Samaranch. Aguilar, 1967.

BENNINGTON, Geoffrey. Deconstruction is not what you think. In: *Deconstruction Omnibus volume*. International Publications, p. 84, 1989.

_____. A Desconstrução não é o que se pensa. Trad. Leila Longo. Revisão técnica Dirce E. Nigro Solis. In: *Areté*. Revista de Filosofia, nº 2. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Santa Úrsula, p. 123-126, 1996.

DE MAN, Paul. *Allégories de la Lecture*. Trad. T. Trezise. Paris: Galilée, 1989.

DERRIDA, Jacques. *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967.

_____. *A escritura e a diferença*. Tradução de M. Beatriz M. N. da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. *Psyché: Invention de l'Autre*. Paris: Galilée, 1987.

_____. *Spectres de Marx: L'État de la Dette, Le Travail du Deuil et la Nouvelle Internationale*. Paris: Galilée, 1993.

_____. *Espectros de Marx: O Estado da dívida, o trabalho de luto e a nova Internacional*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

_____. *Politiques de l'Amitié*. Paris: Galilée, 1994.

_____. Fifty-Two Aphorisms for a Foreword. In: *Deconstruction Omnibus Volume*. International Publications, p. 67-69, 1989.

_____. Cinquenta e dois aforismos para um prefácio. Trad. Leila Longo. Revisão técnica Dirce E. Nigro Solis. In: *Areté*. Revista de Filosofia, nº 2. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Santa Úrsula, p. 127-139, 1997.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. Democracia por vir e a política da filosofia a partir de Jacques Derrida. In: *Revista de Filosofia SEAF*, Ano 6, nº 6, 2007. Coedição UAPÊ, p. 13-33.

_____. Retórica e desconstrução segundo Jacques Derrida. In: *Revista de Filosofia SEAF*, Ano 11, nº 11, 2012. Coedição UAPÊ, p. 49-71.

WELLBERY, David E. *Neoretórica e Desconstrução*. Orgs. Luis Costa Lima e Johannes Kritschner. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.